



#cm
2
SEGUNDA-FEIRA

NUMA TEIA NOIR

O oscarizado **Nicolas Cage** estreia na série adulta **'Spider-Noir'**.
Em cartaz na **Prime Video**, a produção mergulha num dos
mais populares heróis da **Marvel** na atmosfera **sombria e**
misteriosa do **cinema noir clássico**. Páginas 2 e 3



A teia agora é em preto e branco, com a elegância de Nicolas Cage, dublado por Márcio Simões

Fotos/Prime/Divulgação e Amazon Content Services

Radiação com o charme de Humphrey Bogart

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Derivada de uma linha editorial mais adulta (e estilizada) da Marvel Comics, criada em 2009, a série “Spider-Noir”, recém-chegada (mas já muito bem instalada) na Prime Video da Amazon, dá um tratamento visual e dramático nostálgico, à la Humphrey Bogart, à versão alternativa do Homem-Aranha concebida por David Hine e Fabrice Sapolsky, com desenhos do italiano Carmine Di Giandomenico. A primeira HQ saiu nos EUA há 17 anos, ambientando o universo de Peter Parker numa Nova York sombria da Grande Depressão.

Em vez do fotógrafo nerd que vira herói depois de ser picado por um aracnídeo radioativo, o vigilante aqui é Ben Reilly, olho-vivo do ramo dos detetives, numa Nova York recém-saída da Grande Depressão, que tem um titã do cinema, Nicolas Cage, no papel principal.

Ganhador do Oscar por “Despedida em Las Vegas”, há 30 anos, o ator, cujo nome real é Nicolas Kim Coppola (sim... ele é parente de Francis Ford... é sobrinho do cineasta), é um fã assumido das artes gráficas e trabalhou com elas em “Kick-Ass” (2010) e nas animações “Aranha-Verso” (2018-2023).

Série do momento da Prime Video, ‘Spider-Noir’ marca a entrada do oscarizado Nicolas Cage na dramaturgia das plataformas digitais, com base em HQ mais adulta da Marvel

No Brasil, a saga desse Aranha encapotado e de chapéu foi publicada inicialmente pela Panini Comics, reunida em encadernados dedicados ao filão noir dos quadrinhos marvetes. O seriado mergulha no imaginário dos policiais expressionistas dos anos 1940 e 1950, acompanhando uma versão envelhecida e desencantada de Ben Reilly, com Cage dublado por Márcio Simões.

A produção dialoga diretamente com clássicos como “Relíquia Macabra” (“The Maltese Falcon”, 1941), “Pacto de Sangue” (“Double Indemnity”, 1944), “Casablanca” (1942), “O Terceiro Homem” (“The Third Man”, 1949) e “Jejum de Amor” (“His Girl Friday”, 1940), além de cruzar referências de screwball comedy com o universo dos super-heróis.

Em conversa com jornalistas internacionais, incluindo o Correio da Manhã, o criador dessa adaptação serializada para o audiovisual (showrunner, como se diz no jargão televisivo), Oren Uziel explicou que a série nasceu da mistura entre os quadrinhos e o cinema noir clássico.

“A gente pegou elementos dos quadrinhos e dos filmes noir para construir uma história longa em oito episódios”, afirmou. Segundo ele, a proposta era transformar uma narrativa curta das HQs numa experiência sensorial live action mais densa e emocional.

Responsável pelos roteiros de “Spider Noir”, Uziel confiou à direção a quatro cineasta: Harry Bradbeer, Alethea Jones, Nzingha Stewart e Greg Yaitanes. O produtor



Li Jun li faz a versão da famosa Gata Negra

CORREIO CULTURAL



Lucas Ramos/Divulgação

Antônio Pitanga passeia por Xerém no triciclo de Zeca

Zeca Pagodinho vai aos sets de sua biopic

Zeca Pagodinho esteve presente nas gravações do longa-metragem “Deixa a Vida Me Levar”, cinebiografia inspirada na sua trajetória. As filmagens aconteceram em Xerém, distrito de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, região que integra de forma afetiva e simbólica a narrativa do artista.

Durante a diária, a produção recriou momentos marcantes do cotidiano popular que

ajudaram a construir a identidade musical e humana de Zeca. O cantor acompanhou as gravações ao lado da equipe do filme, encontrou seu amigo de longa data Antônio Pitanga e participou de cenas especiais previstas para o longa.

E Pitanga acabou passeando por Xerém a bordo do famoso triciclo vermelho do sambista. Programa obrigatório no reduto de Zeca.

Raio-X da cultura periférica

Pesquisa inédita da Viva Zona Oeste sobre financiamento cultural na recém-criada Zona Sudoeste do Rio revela que mais de 67% da produção é bancada pelos próprios trabalhadores da cultura (venda de serviços e recursos próprios), enquanto o acesso a fomento público (editais, leis de incentivo) representa apenas 18,3%. O levantamento, parte da ‘II Escuta Zona Oeste’, evidencia a potência local e as barreiras históricas no acesso a recursos. Os dados foram apresentados neste domingo (31) durante o 1º Prêmio VZO.

Mudança na EBC

A documentarista Maria Augusta Ramos foi nomeada Diretora de Conteúdo e Programação da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A profissional já atuava na mesma área como gerente executiva de Conteúdo desde 2023.

Mudança na EBC II

“Maria Augusta é uma documentarista reconhecida. Sua chegada à diretoria é fruto do reconhecimento desse trabalho dedicado e de alta qualidade. Seu nome mantém o perfil de diálogo com o setor audiovisual”, comentou a presidente da EBC, Antonia Pellegrino.

Projeto Te Vejo no Palco seleciona artistas

O projeto Te Vejo no Palco, criado pelo Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira, anunciou artistas selecionados para a edição 2026: Buhr, Fitti, Mateus Fazeno Rock, Joyce Alane, Juliana Linhares (foto) e Lazzo Matumbi. A iniciativa produz o registro audiovisual de apresentações ao vivo, com alta qualidade de som e imagem, sem custo para os artistas.



Divulgação



Divulgação

Jean Sylvère
emprega a maiêtica
socrática no cinema
de Rossellini

Cinema ao bel-prazer de Baco

Mostra CineBacante, no Estação Rio, rega cinema a vinho e filosofia, numa revisão dionisíaca de cults e blockbusters que pensaram quereres, afetos e os limites da metafísica

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Pelas próximas quatro terças-feiras, a começar neste 2 de junho, o Estação Rio, ali no nº 35 da Voluntários da Pátria, vai acolher uma gira sacudida pelo barravento de Pier Paolo Pasolini, Chico Buarque, Roberto Rossellini e Júlio Bressane numa micareta que junta teatro, música, leituras, vinho e... sobretudo... cinema. A mostra que revisita clássicos antológicos das telas a partir de intervenções filosóficas e musicais ao vivo, acompanhadas de uma taça cheia, chama-se CineBacante. Rola sempre às 20h.

Os quatro temas que convergem

filmes saborosos para o filtro da ontologia, da metafísica, do existencialismo e até da epistemologia foram escolhidos sob a curadoria do filósofo, poeta e professor da UFRJ Fernando Santoro. São eles: “Medeia”, de Pier Paolo Pasolini (2/6); “Dona Flor e Seus Dois Maridos”, de Bruno Barreto (9/6); “Sócrates”, de Roberto Rossellini (16/6); e “Sermões – A História de Antônio Vieira”, de Júlio Bressane (23/6). Cada noite será uma micareta independente, mas a apresentação de cada evento está a cargo de Leo Monteiro de Barros, produtor de cinema e TV, sócio da produtora carioca Conspiração e vice-presidente do Sindicato da Indústria Audiovisual – SICAV.

“O cinema é a arte dramática na sua forma contemporânea, e trazer o espetáculo de volta às suas origens

rituais dionisíacas é o que fazemos no CineBacante”, explica Santoro. “É natural que possamos buscar a experiência da Arte Total nos ritos de Dioniso, porque temos a situação propícia para o encontro de todos os sentidos. O vinho nos desperta o gosto, a música nos embala a escuta e, assim, podemos sentir a palavra poética e finalmente fruir o prazer completo da imagem em movimento. Nós temperamos com a sabedoria dos sátiros usando os melhores ingredientes: esses filmes que reúnem: a) em Pasolini, Eurípides e Apolônio; b) em Bruno Barreto, Jorge Amado e Chico Buarque; c) em Rossellini, Platão e Sócrates; e d) em Bressane, Padre Antônio Vieira e Caetano Veloso. É uma escalação que vem mostrar toda a nossa arte. E o público entra como coro para beber, conversar e cantar junto — porque o rito de Dioniso é uma festa”.

Monteiro de Barros conta ao Correio da Manhã que ele e Santoro, antigos colegas da UFRJ, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), propuseram a ideia do evento “dionisíaco” à diretora do Circuito Estação, Adriana Rattes, que abraçou a proposta na hora, com entusiasmo.

“Um dos objetivos principais do evento é mostrar o quanto de filosofia se encontra em alguns filmes emblemáticos. Mostrar que questões filosóficas importantes, ou mesmo linhas de pensamento, estão muito próximas de nós, em muitas coisas que vemos ou vivenciamos. Ver o cinema com olhos filosóficos e a filosofia com olhos artísticos”, diz o produtor. “Nada melhor do que eventos vivenciais e presenciais — com vinho! — para celebrar esta junção de filosofia e artes”.

“Um dos objetivos principais do evento é mostrar o quanto de filosofia se encontra em alguns filmes emblemáticos. Mostrar que questões filosóficas importantes, ou mesmo linhas de pensamento, estão muito próximas de nós, em muitas coisas que vemos ou vivenciamos” **LEO MONTEIRO DE BARROS**

Decadentes inconformados

Clássico de Jorge Andrade, 'A Moratória' retorna aos palcos com nova leitura sob a direção de Daniel Herz e elenco de jovens atores

Um dos textos mais emblemáticos da dramaturgia brasileira volta aos palcos cariocas. "A Moratória", de Jorge Andrade, ganha nova encenação sob a direção de Daniel Herz, que propõe uma leitura contemporânea do clássico escrito nos anos 1950. Após uma curta temporada no Teatro dos 4, em março, a produção chega Teatro Laura Alvim, com apresentações às sextas e sábados às 20h, e domingos às 19h.

O espetáculo é fruto de uma parceria entre o produtor Marcos Arzua, que convidou a Cia. Churros de Polvo e Daniel Herz para levar à cena este clássico do teatro brasileiro. A proposta é reexaminar a obra a partir de uma perspectiva atual, porém mantendo a força do texto original. "A Moratória" fala da queda de um mundo e da dificuldade de aceitar o fim. Mais do que uma crise econômica, a peça expõe personagens que tentam adiar a perda, suspender o tempo e preservar identidades que já não se sustentam", explica Herz sobre sua abordagem.

Escrita em 1954, a peça retrata o colapso de uma família tradicional diante da perda de status social e da incapacidade de adaptação a um mundo em transformação. Ao abordar a decadência das elites agrárias após a crise do café de 1929, o texto expõe tensões econômicas, afetivas e morais que ainda ecoam em nossa sociedade. A crise de 1929 afetou profundamente o Brasil, então dependente da exportação de café. Com a queda dos preços internacionais, a economia cafeeira entrou em colapso, transformando a vida das famílias que haviam construído suas fortunas nesse ciclo.

O processo de criação da mon-



Jovens atores da Cia. Churros de Polvo compõem o elenco desta releitura do clássico de Jorge Andrade

“Mais do que uma crise econômica, a peça expõe personagens que tentam adiar a perda, suspender o tempo e preservar identidades que já não se sustentam”

DANIEL HERZ

tagem começou com um intenso trabalho de contextualização e imersão histórica, ministrado por Marcos Arzua. Antes mesmo do início dos ensaios de cena, o elenco foi convidado a mergulhar no universo social, econômico e cultural que atravessa a obra de Jorge Andrade. Como parte dessa pesquisa, os atores visitaram diferentes lugares ligados à história do café e à formação econômica do país. No Rio, o grupo esteve no Centro Cultural Banco do Brasil, edifício que já abrigou a antiga Bolsa de Valores, além de diversos pontos históricos da cidade. Entre os locais visitados estão tam-

bém a Floresta da Tijuca e o Parque Lage, áreas que no século XIX sofreram intenso desmatamento para a plantação de café.

A pesquisa seguiu para o Vale do Café, com destaque para a cidade de Vassouras. O elenco visitou a Casa da Hera, importante patrimônio histórico da região e o único imóvel que mantém preservados seus interiores e mobiliário originais de época. O casarão terminou pertencendo a Eufrásia Teixeira Leite, cuja atuação foi fundamental para a preservação da memória ligada ao ciclo do café. Esse trabalho de imersão reflete uma escolha dramática

clara: não apenas encenar a peça, mas compreender profundamente o contexto que a gerou.

O elenco é composto por Aldrin Cordeiro, Ana Clara Winter, André Andrade, Bruno Jugend, Fernanda Sarriá, Marcela Garcia, Raphael Montenegro e Rebeca Souza. Como escolha dramática da encenação, os personagens Lucília, Marcelo e a tia Elvira são interpretados em sistema de revezamento entre os integrantes da companhia.

A ficha técnica reúne profissionais consolidados no teatro carioca: iluminação de Aurélio de Simone, cenografia de José Dias, direção de movimento de Marcia Rubin, música de Marcello H e figurino de Wanderley Gomes.

Jorge Andrade (1922-1984) foi um dos dramaturgos mais importantes da história do teatro brasileiro. Nascido em Uberaba (MG) e formação em direito e jornalismo, dedicou-se à escrita teatral a partir dos anos 1950, período em que produziu suas obras mais significativas. Sua dramaturgia se caracteriza pela investigação profunda de temas

como identidade nacional, transformação social e conflitos familiares, sempre ancorada em contextos históricos específicos.

"A Moratória" consolidou sua reputação como dramaturgo. A peça recebeu o Prêmio Saci em 1955 e desde então permanece como referência obrigatória nos estudos de teatro brasileiro. Além de A Moratória, Andrade escreveu outras obras importantes como "Homenagem a Dulcineia" (1955) e "Os Ossos do Barão" (1957), todas explorando a decadência de estruturas sociais e a dificuldade de adaptação humana diante de transformações históricas.

SERVIÇO

A MORATÓRIA

Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 – Ipanema)

De 5 a 28/6, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h), sem sessões nos dias 13 e 19 em função dos jogos do Brasil na Copa

Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25

Pra você guardei a canção

Nando Reis e Marisa Monte se reúnem no estúdio em nova versão para um dos maiores sucessos da carreira solo do ex-titã

Cristina Granato/Divulgação



Nando Reis e Marisa Monte, juntos, em imagem dos anos 1990

AFFONSO NUNES

Nando Reis e Marisa Monte voltam a se encontrar em estúdio — desta vez, para gravar juntos. O dueto inédito de “Pra Você Guardei o Amor”, lançado na última sexta-feira (29), marca a primeira gravação oficial em estúdio da parceria entre os dois artistas, apesar de já terem cantado a música juntos em apresentações ao vivo. A composição original é de Nando, que a gravou em 2009 ao lado de Ana Cañas, mas agora ganha uma nova roupagem assinada pela própria Marisa Monte como produtora musical.

Esse reencontro tem história. Nando e Marisa viveram um relacionamento amoroso nos anos 1990. Aquele término reverberou na obra de Nando que, em 1998, ele compôs “Resposta” para o Skank, música que descreveu como um pedido de perdão e um desabafo sobre o inconformismo após o fim da relação. Marisa, por sua vez, lançou “Depois” em 2011 — uma composição feita com Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes que fãs frequentemente interpretam como uma resposta emocional, embora a própria artista nunca tenha confirmado essa leitura.

Mas antes desse capítulo de especulações, havia colaboração criativa. Nos anos 1990, Nando e

Marisa compuseram juntos faixas como “Ainda Lembro”, “Mustapha” e “Tudo Pela Metade”, gravadas por Marisa no álbum “Mais” (1991). Em entrevista recente, Nando afirmou que Marisa tem uma “importância enorme” em sua vida como compositor, lembrando que ela foi a primeira artista a gravar canções suas fora dos Titãs, banda da qual fez parte entre 1982 e 2002. “Embora qualquer coisa que ela cantasse ficaria linda, as minhas ficavam muito mais”, declarou.

A nova versão de “Pra Você Guardei o Amor” preserva elementos da composição original. Em conversa, Marisa explica o processo. “Para essa nova versão de ‘Pra Você Guardei o Amor’. Eu e Nando resolvemos fazer algumas coisas diferentes e outras iguais. Basicamente, o violão é a estrutura básica da composição. Foi instrumento que você usou para compor”, diz ela para Nando.

Nando complementa. “E eu sempre pensei em gravar em duas vozes, cantar em duas vozes. Então isso se mantém igual. Mas a instrumentação é muito diferente. Eu chamei Marisa para produzir a faixa e fomos conversando, conversando e achamos”, explica.

“Fomos construindo juntos uma ideia de ter um grupo de instrumentos reduzido, meio camerístico. Então temos oboés, temos trompas, temos harpa, temos um Hammond, temos cello, cordas,



Nando Reis e Marisa Monte optaram por gravar ‘Pra Você Guardei o Amor’ num arranjo com instrumentos camerísticos como violinos, violoncelo, oboé e harpa

“É uma dinâmica linda dos dois, cantando juntos as intensidades, os alívios, os rallentandos. A gente já canta junto há muitos anos, né? Nando tem uma intimidade artística, musical, já muito assimilada. Então, pra gente foi muito prazeroso também cantar junto e dividir essas vozes assim, um ouvindo o outro”

MARISA MONTE

temos marimba. Uma formação meio inusitada, mas bastante interessante, que eu acho que acrescentou a essa canção, que é uma canção pop, com uma sonoridade

atípica para música pop. Também interessante”, comenta Marisa. “E isso permite uma outra interpretação, tanto nossa quanto de quem vai ouvir a música na voz da Marisa

junto comigo”, arremata Nando.

A sinergia vocal entre os dois é o grande destaque da faixa. “É uma dinâmica linda dos dois, cantando juntos as intensidades, os alívios, os rallentandos. A gente já canta junto há muitos anos, né? Nando tem uma intimidade artística, musical, já muito assimilada. Então, pra gente foi muito prazeroso também cantar junto e dividir essas vozes assim, um ouvindo o outro”, destaca a cantora.

A ficha técnica inclui músicos como Priscila Ratto e Gabriela Queiroz nos violinos, Lisiane de los Santos no violoncelo, Giovanni Martins no oboé, e Cristina Braga na harpa, entre outros. A regência é do Maestro André Bachur.

O lançamento resgata uma das histórias mais comentadas da música brasileira, com muitas especulações, e consolida uma parceria que, mal ou bem, nunca deixou de existir.

Leo Aversa/Divulgação

CRÍTICA DISCO | OSCARAVELHOS

POR AQUILES RIQUE REIS*

O Brazilian Grupo lança o álbum “Oscaravelhos” (Selo Sesc) – saquem o chiste do título! Oscaravelhos não é apenas uma feliz união de amigos plenos de talento e idade; também não é uma conjunção de astros que só se repete uma vez a cada século. Mas é, sim, a certeza de que a amizade e a música que harmonizam os seus integrantes são indestrutíveis. E que apenas o amor pela música é “culpado” pela junção que nos permite ouvir tal trabalho. Pela dedicação e pelo prazer que têm ao tocar juntos, eu os aplaudo de pé. Eis algumas faixas.

“Choro Jazz” (Clayber de Souza): o choro no embalo jazzístico vem no próprio título. Com a participação especial de Jota Moraes no vibrafone, o papo é reto. O arranjo amplia a participação de cada instrumento, dando saborosos compassos aos duos com o vibrafone. Uma aula de balanço que seduz o ouvinte.

“Valseta” (Janja Gomes): Janja é filho do querido João Parahyba, cujo tema revê o arranjo da gravação do pai, feita em 2011. Numa sequência em que a guitarra se destaca pelo improviso, somada ao naipe de sopro que logo a sucede, o Hammond dá a dica do que vai rolar no arranjo. E tudo flui com a energia dos instrumentistas do Brazilian Grupo.

“Valente” (João Parahyba e Kannek): “Quando me pediram



O Brazilian Grupo é formado por músicos ligados à cena do samba-jazz em São Paulo desde os anos 1960

Uma antologia do samba-jazz



duas músicas, eu falei, ‘não, eu queria ver se o Costita e o Clayber, os meus professores, gostam dessa música’. E eles adoraram a música, falaram, ‘nós vamos gravar essa’. Então eles que escolheram para

mim”. Assim diz Joãozinho Parahyba do processo de escolha da sua composição, cujo sax dá início à melodia requintada. A guitarra surge com absoluta categoria e improvisa. Logo o piano assume

a vez de brilhar. A guitarra vem e a bateria de João está ali, pronta para ser ouvida em sua dinâmica rítmica.

“Nano” (Hector Costita): o sax vem com a bateria e o piano. O samba rola pra fechar a tampa do álbum. Depois de ouvi-lo, penso que por serem artistas que dão à música o prazer de se fazerem ouvir em toda plenitude, mereciam um filme que os premie. Fica aí a sugestão: assim como já fizeram com o conjunto cubano Buena Vista Social Club, os “caras velhos brasileiros” Clayber de Souza, Giba Pinto, João Parahyba, Hector Costita e Aluizio Pontes poderiam ter as vidas immortalizadas na tela. Ouça o álbum completo em <https://sl1nk.com/1ngdpsj>.

Ficha técnica

Brazilian Grupo Oscaravelhos é Clayber de Souza, Giba Pinto, João Parahyba, Hector Costita e Aluizio Pontes. Aluizio Pontes: piano; Celso de Almeida: bateria; Clayber de Souza: gaita; Giba Pinto: contrabaixo; Hector Costita: saxofone; João Parahyba: bateria e percussão; Jota Moraes: vibrafone; Marco Pontes “Caixote”: Fender Rhodes, Hammond B3 e piano; Nahame Casseb: bateria; Natan Marques: guitarra e violão; Vera Figueiredo: bateria; Dalto Vicente: mixagem; Carlos Freitas: masterização; André Malaquias e Alex Angelone: técnicos de gravação; Marcos Pontes “Caixote”: diretor e produtor musical.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Leo Aversa/Divulgação

Com o tempo embolado

Alceu Valença divulga “Embolada Do Tempo”, primeiro single ao vivo da turnê comemorativa 80 Girassóis, que celebra suas oito décadas de carreira do artista pernambucano. A faixa condensa elementos orgânicos e eletrônicos, explorando a natureza intangível do tempo através de sua emblemática sonoridade. O lançamento duplo inclui versão ao vivo e expansão eletrônica desenvolvida por B.Tovis em formato downtempo imersivo. Disponível em todas as plataformas digitais pela gravadora Deck.



Brunini/Divulgação

Simplesmente Mumuzinho

Mumuzinho acaba de divulgar a primeira parte de seu audiovisual “Simples Assim (Ao Vivo - Vol. 1)”, gravado em março no Parque das Ruínas, em Santa Teresa. O projeto, dirigido por Gabriel Vasconcelos, reúne 12 faixas e videocliques disponibilizados no YouTube e plataformas de streaming. O álbum inclui a inédita “Fechadão com o Amor”, faixa que inspirou a criação de mais de 10 mil conteúdos de usuários do TikTok e acumula cerca de 2 milhões de streams no Spotify desde seu lançamento em abril.



Divulgação

Mistura de ritmos

A Papangu, banda de João Pessoa, divulga “Taxidermia”, terceiro single do álbum “Celestial”. A faixa marca o momento mais pesado do disco, abrindo de forma solene antes de desembocar em tragédia sonora. A música navega por ritmos diversos — candomblé, rock progressivo, thrash metal e black metal — com vocal gutural que contrasta com batidas intensas. A composição evoluiu de uma versão melódica para algo mais extremo, incorporando sintetizadores, amplificadores antigos e órgão. Single disponível em todas as plataformas.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Herdamos

Duzentos anos depois da Independência, o Rio de Janeiro continua falando português não apenas na língua, mas nos gestos invisíveis que sustentam a cidade. Há heranças que permanecem tão incorporadas ao cotidiano que já não percebemos de onde vieram. Estão no cheiro do café forte servido em balcões antigos, no azulejo azul escondido em uma fachada da Saúde, no sino que toca ao fim da tarde em alguma igreja barroca esquecida entre prédios modernos. O Rio pode ter aprendido a sambar sozinho, mas ainda guarda, no fundo da alma, o sotaque melancólico de Lisboa.

Basta caminhar pelo Centro para perceber isso. As ruas estreitas da região portuária, os sobrados coloniais sobrevivendo entre arranha-céus cansados, as sacadas de ferro trabalhado, os conventos silenciosos — tudo parece carregado de uma memória portuguesa que resiste ao tempo e às demolições. Em certos trechos da cidade, especialmente quando a luz do fim da tarde bate amarelada sobre as pedras antigas, o Rio se parece menos com uma metrópole tropical e mais com uma velha cidade atlântica transplantada para o outro lado do oceano.

Os portugueses deixaram mais do que prédios; deixaram hábitos.

O carioca talvez não perceba que herdou deles o gosto pela conversa longa em mesas de bar, esse costume de transformar cafés em extensão da sala de casa. Herdou também uma certa saudade sem nome, uma melancolia discreta que aparece até nos momentos felizes. O português trouxe na bagagem essa estranha capacidade de rir enquanto lamenta e lamentar enquanto celebra — e o Rio aprendeu rápido.

Na culinária, então, a presença portuguesa é quase diária. O arroz com bacalhau nas sextas-feiras, os bolinhos dourados nas vitrines das padarias, os pastéis de nata servidos agora como moda gourmet, o caldo verde em noites frias que o carioca insiste em considerar inverno. Até a obsessão pelo pão fresco da manhã parece uma continuação direta das antigas padarias lusitanas onde fregueses discutiam política, futebol e tragédias marítimas.

O curioso é que o Rio abraçou Portugal ao mesmo tempo em que foi moldado por ele. A feijoada ganhou temperos locais, os doces ficaram mais exagerados, a linguagem mais musical. O encontro entre o rigor português e a improvisação tropical produziu uma cidade contraditória: disciplinada nos traços coloniais, caótica na alma.

Na religiosidade, talvez esteja uma das marcas mais profundas dessa herança. As igrejas espalhadas pela cidade — da Candelária ao Mosteiro de São Bento — não são apenas monumentos; são testemunhos de um Rio moldado sob procissões, promessas e sinos. O catolicismo português construiu não apenas templos, mas maneiras de viver o sagrado. Até hoje, festas populares misturam fé e celebração como faziam os antigos colonizadores. O carioca acende vela e vai à praia no mesmo dia, reza e samba com naturalidade absoluta.

Mas há também heranças menos nobres.

Os portugueses trouxeram desigualdades urbanas que a cidade jamais conseguiu resolver completamente. O Rio nasceu dividido entre morro e asfalto antes mesmo desses nomes existirem. Vieram com eles as hierarquias rígidas, os privilégios de poucos, a ocupação desordenada feita sem imaginar o futuro. A cidade bela também foi construída sobre exclusões persistentes.

Ainda assim, seria impossível compreender o Rio sem Portugal. O Rio fala alto, improvisa, cria, mistura — mas guarda em sua arquitetura, nos hábitos cotidianos e até na forma de olhar o mar uma nostalgia tipicamente portuguesa. Talvez por isso os cariocas tenham essa relação tão íntima com o horizonte: foram descendentes de navegadores, afinal, mesmo sem perceber.

Duzentos anos depois da Independência, o Brasil tornou-se outra coisa, reinventou-se inúmeras vezes. Mas o Rio continua carregando marcas daquele velho país espremido entre o Atlântico e a saudade. E talvez a maior herança portuguesa seja justamente essa: a capacidade de transformar memória em paisagem e melancolia em beleza.

Porque poucas cidades no mundo conseguem ser tão festivas e tão nostálgicas ao mesmo tempo quanto o Rio de Janeiro. E isso, no fundo, talvez seja a mais portuguesa de todas as características cariocas.

